

TODAS AS QUINTAS DE NOVEMBRO, ÀS 19H30

Choro: uma paixão carioca em forma de música

Ciclo de 4 palestras sobre a mais carioca das manifestações musicais: o choro

A partir de 4 de novembro, na sala de vídeo, **Elza Lancman Greif** percorrerá a trajetória do choro, começando pela vida cultural no Rio de Janeiro do século 19 e chegando aos dias de hoje. As palestras serão ilustradas por CDs. No dia 25 de novembro, encerrando o ciclo, o **Grupo de Choro do Conservatório Brasileiro de Música** dará uma canja.

Elza Lancman Greif

É doutora em Música e Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), mestre em Educação Musical pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (CBM-CEU) e graduada em Piano pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trabalha no Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário.

A inscrição é obrigatória. Ligue para a secretaria (2539-7740 e 2535-1808, das 10 às 18 horas) ou mande os dados para asa@asa.org.br.

Preço: R\$ 40 (quarenta reais), que devem ser pagos na primeira palestra.

E MAIS...

2 EDITORIAL
Retrocesso

4 ENTREVISTA/
SARITA SCHAFFEL



5 ARGENTINA /
CASAMENTO GAY
O que pensa a comunidade
MARÍA DEL PILAR
IUMMATO e
NERINA VISACOVSKY

6 MÚSICA
Buena semana
CECILIA FONSECA DA
SILVA

Vaisse blumen
DINA LIDA KINOSHITA

8 BECO DA MÃE
Malba Tahan
HENRIQUE VELTMAN

9 ISRAEL
Quem é sionista?
ALIZA BELMAN-INBAL,
The Jerusalem Report

10 ISRAEL
Saudades
ESTHER KUPERMAN

12 NOTAS



Noel Rosa: racista, homofóbico e antissemita?

Artigo de Esther Largman
sobre o Poeta da Vila



Retrocesso

Nas recentes eleições gerais no Brasil, muitos candidatos usaram referências religiosas para conseguir votos. Pior: alguns cederam a grupos religiosos conservadores e montaram suas agendas espelhados nos dogmas desses segmentos. O cruzamento indevido entre religião e política, entre os espaços público e privado, produziu cenas lamentáveis. Políticos que nunca se preocuparam em divulgar sua fé, muito menos a falta dela, apareceram na mídia como veteranos devotos. Deus se consolidou como cabo eleitoral.

Este tipo de oportunismo eleitoral faz definir a ideia do Estado laico e democrático. Quando a religião deixa de ser matéria privada e se transforma em lóbi político, abrem-se as portas para a teocracia. Veja-se, por exemplo, o “debate” sobre o aborto. Apertado pelas conveniências dos marqueteiros e balizado pelas pressões de religiosos, produziu muito ruído e pouco resultado. Questão de saúde pública, grave, complexa e controvertida, acabou reduzida a uma corrida pelas bênçãos clericais. Um desrespeito às inúmeras mulheres que morrem todos os anos nas clínicas clandestinas.

A República não é propriedade privada de nenhum grupo. Suas instituições devem garantir liberdade de expressão, inclusive religiosa, mas, se pretende permanecer democrática, não pode servir de plataforma ideológica para grupos religiosos organizados. Basta olhar para o mundo. Todos os países legislados ou fortemente influenciados por correntes religiosas têm enorme grau de intolerância com as minorias.

Temos, como cidadãos, um desafio pela frente: barrar esse comportamento atrasado, que deseduca o povo e o transforma em refém de formas retrógradas de participação política. O velho ditado “vá reclamar ao bispo” precisa ser interpretado corretamente. A reclamação não dá ao bispo, ou a qualquer outro líder religioso, o direito de impor suas opiniões à sociedade, plural por natureza.

"Quem matou Itzhak Rabin há 15 anos? Fomos todos nós, porque não nos levantamos de modo suficientemente claro e vigoroso para dizer: não apoiamos os setores radicais da sociedade israelense, nos opoemos sempre que a política externa do Estado de Israel tiver como base o fanatismo nacionalista e quando a religião se misturar e confundir com agendas de poder." (Bernardo Sorj, sociólogo, no site *Judaísmo humanista*) ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter z'/ e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb,
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



Estes dançam



Regente Claudia Alvarenga

Estes cantam

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças, às 15h30

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h
AULAS DE ÍDISH - Quinzenalmente, quintas, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

Judeus e prestamistas

Esther R. Largman / Especial para ASA

Noel de Medeiros Rosa, o filósofo do samba, agora enaltecido e revisitado ao longo dos festejos do centenário de seu nascimento, teve uma vida sofrida, prodigiosamente fecunda e breve. Um queixo defeituoso distorcia-lhe a face. Legou centenas de composições, cantadas e ouvidas até nossos dias. Faleceu aos 26 anos.

Noel foi acusado de racismo (vide a discussão levantada por Caetano Veloso em torno da música *Feitiço da Vila*), homofobia e antissemitismo. Se formos contextualizar os versos com relação apenas à última questão, podemos dizer que, embora o povo naquele tempo admirasse os imigrantes, também os hostilizava e lhes colocava epítetos, alcunhas: gringo, galego, mascate. O Brasil era herdeiro direto dos preconceitos, perseguições, teorias e mitos divulgados e executados pelo Tribunal do Santo Ofício. Em que pese o fato de Pombal, ministro de dom José 1º de Portugal, ter eliminado a expressão *cristão-novo* em 1773, o termo *judeu* tinha, sim, um sentido preconceituoso, pejorativo, estigma latente, freyriano, no qual o nariz adunco, o avaro, o agiota e o espertalhão, entre outros, eram os este-reótipos mais comuns. O peso que recaía sobre o ombro do prestamista – que por sua vez afligia os endividados com os compromissos parcelados e acrescidos de juros – era o mesmo abordado por Noel em suas canções, ele mesmo sempre devedor. O professor A.P. Tota, da PUC de São Paulo, escreve: “podemos acusá-lo de racista por antissemitismo, mas não por preconceito de cor”. Jorge Mautner, conhecido romancista, músico, acusou Noel de antissemitismo. Foi rebatido por Carlos Sandroni, que, baseado em uma das melhores e mais completas biografias (de João Máximo e Carlos Didier), o acusa de ignorar História e historicidade.

Contar um pouco da vida desse grande artista é necessário.

Noel cresceu no bairro conhecido como a Vila (Isabel), ouvindo música. O pai, que o introduzira no violão, veio a ter uma série de insucessos financeiros, fazendo com que a mãe abrisse uma escola de piano em casa. O avô fora médico e poeta nas horas vagas. Estudou nas escolas do bairro, depois no Colégio São Bento. Não foi aluno brilhante, o temperamento agitado retirava-lhe a concentração. Entretanto, Noel desconstruía algumas lições criando sátiras, paródias musicais, criticando o ambiente, em estilo jocoso. Inteligência brilhante, o que recolheu de sua instrução transformou na mais pura arte da palavra,

Noel foi acusado de racismo, homofobia e antissemitismo.

no lirismo e na mordacidade da apreensão do seu mundo. Estudou medicina e logo a abandonou, voltando-se para sua paixão: a música. Cedo teve pendores e talento reconhecidos. Precoce no lidar com as mulheres, sexo e noitadas envolvidas por bebidas, Noel mal percebia sua fragilidade crescente, eis que não se alimentava como deveria, com sopas, papas, ovos, o que pudesse ingerir. Evitava expor-se em público. Descuidava-se, mesmo sendo portador de tuberculose, que ceifava milhares de vidas. O bisavô paterno, a avó paterna e seu pai foram suicidas. A alegria, o ardor e exuberância no seu ritmo de vida, acordado sob as estrelas e adormecido com o sol que não apreciava, representariam o outro lado, a depressão da qual fugia sob o manto etílico?

Paradoxal, debochado, pródigo, caloteiro, gênio das composições de letras bem elaboradas, arrojou o samba do morro para as ruas, e o converteu em música urbana.

Sobre o universo humano do seu

cotidiano escreveu severas apreciações onde pontuava o humor, numa linguagem exemplar e de vanguarda. Zombava de diversos tipos, de fatos que se sucediam nos escassos anos de sua vida adulta: malandros e operários, costureiras e ambulantes, pobres e ricos, motorneiros e lixeiros, vigaristas e prestamistas, turcos e judeus, todos ensejaram criações onde a tônica resumia-se a uma palavra: o deboche. Porém o sarcasmo sem perder o lirismo, a galhofa sem esquecer a compaixão. Por vezes, era implacável.

Para o povo, o ambulante de origem europeia costumava ser o *judeu*. Os oriundos do antigo Império Turco-Otomano (Síria, Turquia, Marrocos, Líbano, etc.) eram designados por *turcos*. Noel compôs diversas músicas mencionando o *prestamista*, os *turcos*. Em *Pesado 13* ele escreve e canta: Abdula ou Farid/ nascido na Turquia/ criado na Bahia/ ele era prestamista e vigarista... Apresentou duas músicas onde insere o *judeu*: *Cordiais saudações* (A vida cá em casa está terrível/ Ando empenhado nas mãos de um judeu) e *Quem dá mais* (Quem arremata o lote é um judeu/ Quem garante sou eu/ Pra vendê-lo pelo dobro no museu (...)).

De 1929 até sua morte, em 1937, período de suas criações musicais, Noel viveu num Brasil que gestou e desenvolveu política nacionalista, próximo do chauvinismo fascista, sob o comando do presidente Vargas. O estrangeiro era o diferente, incomodava.

O volume da obra de Noel Rosa e a indelmência da sua crítica a uma constelação de temas diversos, inclusive políticos, constituem, em si, um repertório preconceituoso muito amplo, não apenas contra o judeu, talvez contra os arquétipos do inconsciente coletivo então predominante. ■

Esther R. Largman, escritora, é autora, entre outros livros, de Jovens polacas e Tio Kuba nos trópicos.

Força para as escolas

O novo Executivo da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro foi empossado no dia 14 de outubro, juntamente com os novos membros do Conselho Deliberativo, no Templo Sidon. Nascida no Rio, filha de pais ortodoxos e sionistas, Sarita Schaffel, a presidente eleita em chapa única com seus vices Paulo Maltz e Helio Koifman, é graduada em Ciências Sociais, fez mestrado em Supervisão Escolar na UFRJ e doutorado em Educação Brasileira na PUC-Rio. Coordenadora de pesquisa da CAPES, exerceu a presidência nacional da Wizo, da qual é ativista há mais de 30 anos. O Boletim **ASA** encaminhou a Sarita por e-mail algumas perguntas.



Sarita Schaffel e os vices, Paulo Maltz (à esq.) e Helio Koifman

Por que a senhora decidiu se candidatar à presidência da FIERJ?

Fui convidada por um grupo de líderes da comunidade que apreciaram o meu trabalho à frente da WIZO BRASIL. Aceitei esse desafio, pois há muito tempo venho participando da discussão das questões comunitárias e essa seria a oportunidade de partir para a ação. Por outro lado, considero que temos que ter um comprometimento com a nossa comunidade, com a nossa continuidade como povo judeu na Diáspora.

Esta será a segunda gestão consecutiva com uma mulher à frente do Executivo. O que isto significa?

Acho que foi uma coincidência. O importante não é ser do sexo feminino ou masculino. Fundamental é o nosso engajamento no cumprimento de uma missão.

Das sete últimas eleições, seis tiveram chapa única. Por outro lado, apesar de ter sido aumentado o número de locais de votação, nas deste ano compareceram menos eleitores do que em 2008, e estes representaram apenas 60% dos que votaram em 2004. A que atribui o baixo interesse da comunidade por esses processos eleitorais?

Infelizmente, as estatísticas referentes a todas as instituições judaicas estão em curva descendente. Cabe a nós, lideranças atuais, tentar reverter esse quadro.

Há muitos anos, estima-se que vivam entre 25 mil e 30 mil judeus no Rio de Janeiro. Estes números não têm fundamento em pesquisas de campo. O que pretende fazer para que o projeto do censo comunitário, tantas vezes adiado, saia do papel?

Esse é um projeto que vai merecer a nossa atenção. Devido a sua complexidade e alto custo, vamos desenvolver estudos para a sua viabilização.

A plataforma de sua chapa promete incrementar o diálogo entre as nossas instituições. Como pretende fazer isso?

Promovendo uma comunicação mais dinâmica entre a FIERJ e as Federadas; incentivando a realização de eventos em parceria; fazendo com que as Federadas reconheçam o Conselho Deliberativo da FIERJ como um fórum de diálogo, e os seus dirigentes participem efetivamente dos destinos de nossa comunidade.

Também na plataforma, consta o desejo de prestigiar a educação judaica, formal e informal. Como analisa o estado da educação judaica no Rio? De que forma pretende prestigiá-la?

A educação judaica no Rio de Janeiro vai muito bem, no que diz respeito à qualidade de nossas escolas. Cabe conscientizar os pais judeus sobre a importância de optar pelas nossas escolas, pois são elas que vão transmitir os nossos valores, a nossa ética e a nossa cultura. São elas que vão fortalecer os nossos vínculos com o Estado de Israel. Nestes tempos, em que os pais estão cada vez mais ausentes de casa, face às exigências do mercado de trabalho, cabe à escola uma maior responsabilidade na educação das crianças. No campo da educação informal destaco o trabalho dos movimentos juvenis, liderados por adolescentes idealistas, que merecem todo o nosso apoio. Temos também excelentes centros culturais com cursos diversificados que atendem uma parcela significativa de

nossa população. Tentaremos utilizar os nossos meios de comunicação para divulgar todas essas instituições, além de promover projetos educacionais que incentivem que mais crianças frequentem as nossas escolas.

Existe algum plano de aproximação com outras federações para troca de experiências e organização de atividades comuns? Como pretende relacionar-se com a CONIB?

O relacionamento da FIERJ com as demais confederadas, bem como com a própria CONIB, sempre foi muito amistoso. Considero que temos que criar mais oportunidades de encontros para a troca de experiências, pois afinal os problemas são muito parecidos.

Como será a relação do Executivo com o Conselho Deliberativo?

Diálogo será a minha ideia força. Acho que juntos poderemos pensar o presente e projetar o futuro do modelo de ação comunitária ideal para a nossa realidade.

Qual será a sua primeira medida como presidente?

Não há primeira medida, o que há é um conjunto de medidas tomadas por uma diretoria escolhida que tem como objetivo o bem comum, o combate a qualquer forma de intolerância, o fortalecimento da identidade judaica e o fortalecimento de nossa representatividade política frente aos poderes constituídos.

Qual é a sua mensagem para os leitores de ASA?

É de confiança de que estamos juntos por uma comunidade mais forte, um país menos desigual e um mundo de paz. ■

O que pensa a comunidade

María del Pilar Iummato e Nerina Visacovsky / Especial para ASA

No dia 14 de julho de 2010, com uma sociedade polarizada e após um intenso debate, o projeto de lei de casamento igualitário foi aprovado por uma pequena maioria nas assembleias legislativas da Argentina. O país se converteu, assim, no primeiro da América Latina a modificar o código civil a fim de permitir o casamento e a adoção por parte de pessoas do mesmo sexo. O decidido apoio do bloco oficialista, liderado pelo casal Kirchner, foi central para a sanção de uma lei reivindicada há anos pelas organizações GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e trans-sexuais). Instituições e movimentos religiosos, políticos, culturais e artísticos, entre outros, expressaram-se publicamente a favor, contra, ou sugerindo alternativas intermediárias ao projeto de lei.

Nas organizações e entre personalidades da comunidade judaica argentina, apesar da diversidade de opiniões que o tema continua suscitando, as posições, em grandes pinceladas, podem ser divididas em três grupos e denominadas “humanista”, “ortodoxa” e “pluralista”.

A visão “humanista” analisa a questão no âmbito do direito, especificamente dos direitos humanos, priorizando a legislação como instrumento de consenso. O marco democrático que permite o debate garante a consolidação de uma sociedade de direito. Então, se a lei proclama, democraticamente, igualdade de condições civis para todos os casais, essa lei deve ser respeitada por todos os argentinos. Quem defende esta posição são os setores mais progressistas – as entidades icufistas, o sionismo de esquerda e outros grupos seculares. O rabino Daniel Goldman, da congregação Bet-El, por exemplo, afirma a necessidade de se aceitar as mudanças culturais exigidas pela sociedade e propõe debater nas sinagogas, com cada congregação, de que forma realizar o ritual do casamento judaico com esta variante. Segundo Goldman, o espírito da lei afeta “os direitos” dos casais, e não o seu “judaísmo”.

Em contraposição, o espírito conservador da linha “ortodoxa” fundamenta seus argumentos nos preceitos da *Torá*. De acordo com a interpretação literal do texto sagrado, não é possível o casamento fora da união entre um homem e uma mulher. Os setores mais observantes fazem pé firme nas Escrituras como única fonte de verdade absoluta para o povo judeu. Por esta visão, a *Torá* estabelece a lei para os judeus, e os homens não podem transgredi-la nem modificá-la. Todo aquele que fuja aos mandamentos talmúdicos não faz parte nem pode chamar-se “judeu”. Estes são os argumentos defendidos pelo

As posições podem ser divididas em “humanista”, “ortodoxa” e “pluralista”.

Chabad-Lubavitch na Argentina, organização ortodoxa cujos recursos lhe permitem, dia após dia, aumentar a quantidade de membros e seguidores e lhe possibilitaram ganhar as últimas eleições da Mutual AMIA. Um de seus dirigentes opina que o rabino Goldman deveria ser preso por “usurpar o título de rabino”. Outros afirmam ser “demência” ou “anormalidade” aceitar que duas pessoas do mesmo sexo possam adotar um filho. Para os Lubavitch, a homossexualidade é uma doença – a sociedade deveria trabalhar para “curá-la”, e não incentivar a sua propagação.

A terceira posição, a “pluralista”, propõe respeitar as diferenças dentro dos marcos comunitários e evita posicionar-se a favor ou contra a lei, apelando para a liberdade de consciência. Esta é, basicamente, a proposta da DAIA (Delegação das Associações Israelitas Argentinas). Em sua declaração à mídia, os dirigentes da DAIA manifestaram a posição de que nenhum membro da comunidade judaica pode arrogar-se

a representatividade geral e falar em nome do coletivo e que todas as posições devem ser respeitadas.

Há anos, a JAG (Judeus Argentinos Gays – GLBT) tenta criar pontes de inserção e comunicação com as entidades comunitárias, que, explicitamente, não os discriminam, mas de fato não os integram. Em um filme argentino que estreou recentemente, intitulado *Outro entre outros*, o diretor Maximiliano Pelosi aborda a problemática da homossexualidade dentro do coletivo judaico e se pergunta: por que um povo que sofreu discriminação ao longo da História, e luta contra esse mal, não aceita a diversidade? Quando alguém tenta responder, basta pensar na Europa da Segunda Guerra Mundial que os argumentos se evaporam. É impossível não lembrar que na maior tragédia do século 20 não só seis milhões de judeus foram vítimas do genocídio nazista, mas também milhares de homossexuais pereceram nos campos de extermínio. Inclusive, depois da guerra, foi preciso que transcorressem mais de três décadas para que o mundo pudesse falar da existência dessas vítimas, e 60 anos para que, em Berlim, em 2008, fosse inaugurado um monumento em memória dos homossexuais perseguidos e assassinados pelo nazismo.

Hoje, mais do que nunca, na Argentina, devemos nos orgulhar dessa nova lei, porque hoje, mais do que nunca, os versos de I.L.Peretz ganham vida neste país do sul: “Branco, amarelo, negro; todos, todos são irmãos. Raças, cores e povos não passam de uma invenção.” ■

María del Pilar Iummato, formada em Educação, é assistente do Decanato da Escola de Política e Governo da Universidad de San Martín.

Nerina Visacovsky é docente e pesquisadora da Escola de Política e Governo da Universidad Nacional de San Martín.

Buena semana

Cecilia Fonseca da Silva / Especial para ASA

O repertório musical sefardi é muito amplo e variado. Nele é possível estabelecer três gêneros: os romances, as canções (*canticas*) e as coplas.

Os romances são poemas narrativos, com raízes profundamente hispânicas. Refletem, em seus temas, as experiências da Espanha medieval, com personagens históricos, reais ou inventados. Nas comunidades sefardis esses cantos são conservados até hoje, às vezes com mais fidelidade do que na própria Espanha.

As canções, com temas variados – amorosos, humorísticos, descritivos –, unem as tradições espanholas às dos novos países de passagem ou assentamento.

As coplas são poemas que expressam as crenças, os conhecimentos e os valores judaicos. São essencialmente didáticas, inspiradas em vivências históricas e culturais. Há coplas admonitórias, hagiográficas, paralitúrgicas, de *aliá...* As paralitúrgicas estão diretamente associadas ao ciclo festivo anual judaico. Nos versos de *Buena semana*, muito difundidos tanto na tradição oriental quanto na da região do Estreito de Gibraltar, temos um bom exemplo desse gênero. Cantadas na Havdalá, expressam, de maneira bem sintética, o desejo de que Deus gratifique seu povo com toda espécie de bens materiais e espirituais.

Quanto à forma, estão compostas por quatro versos – três longos e um curto – na forma aaab (bastante frequente nesse tipo de composição). Como a finalidade é a do canto, possui estribilho, retirado, neste caso, dos dois últimos versos da primeira copla:

*Buena semana mos de el Dio
Buena semana mos de el Dio
Buena semana mos de el Dio
Alegres i sanos*

(estribilho):

*Buena semana mos de el Dio
Alegres i sanos*

*A mis ijos bendizir
A mis ijos bendizir
Ke me los deshe el Dio bivir
Buena semana*

(estribilho)

*Para fadar i cirkunzir
Para fadar i cirkunzir
Para poner el tefilin
Buena semana*

(estribilho)

Quanto ao fundo, observa-se a vivência sefardi da alegria e da saúde: estando alegres e saudáveis é possível trabalhar e, assim, usufruir os bens espirituais e materiais necessários a uma vida produtiva e produtora. Os apelos paterno e materno se evidenciam nos versos “*A mis ijos (filhos) bendizir/ke me los deshe el Dio bivir/*

Observa-se a vivência sefardi da alegria e da saúde.

buena semana” e culminam na cerimônia da *fadasion*, para as meninas, e na da circuncisão, para os meninos, tudo aliado à observância da oração diária (“*para poner el tefilin*”).

Antes de referir-nos à cerimônia da *fadasion*, não podemos deixar de observar dois fatos linguísticos caracteristicamente sefardis. O primeiro é a passagem do *n_* a *m_* em determinadas palavras, principalmente quando ocorre o ditongo *_ue_*; por exemplo: *nuevo* (novo) passa a *muevo*; *nueve* (nove) passa a *mueve*. O possessivo *nuestro* (nosso) passa a *muestro*, causando a mudança nos outros pronomes. *Nosotros* (nós) se diz *mosotros*, e *nos* se diz *mos*: “*Buena semana mos de el Dio*”. Esse fenômeno ocorreu já no exílio, ou seja, não ocorria no espanhol medieval, tratando-se, portanto, de um fato linguístico exclusivamente sefardi. O segundo é a apócope do *_s*, em *Dios*. O mesmo ocorreu em Portugal. O judeu medieval português diz *Deu*, em lugar de *Deus*, fato comprovado nos Autos de Gil Vicente (1465? – 1536?). Essa supressão do

_s, sentida como marca de plural, evidencia a unidade de seu Deus, por oposição à trindade do Deus dos cristãos.

Na festa da *fadasion* ou *de las fadas*, a menina recebe seu nome e as “fadas”, ou seja, os bons votos de sua comunidade para que tenha um destino feliz. Geralmente organizada na sinagoga, eventualmente em casa, tem a presença de um rabino, sendo convidados os avós e outros parentes. A mãe leva a criança no colo e a entrega à madrinha, que a deita sobre uma almofada de seda bordada ou rendada e a leva ao rabino, que a chama por seu nome. Em uma bandeja, geralmente de prata, colocam-se joias, anéis, pulseiras, além de doces confeitados, como símbolo de abundância, saúde e felicidade. São acesas sete velas (a festa é conhecida também como *de las siete kandelas*), uma de cada vez, por sete pessoas, que abençoam a recém-nascida. O rabino coloca a mão sobre a menina, que está no colo dos padrinhos, e a abençoa. Fato interessante é que a cerimônia das fadas ocorria também, na Espanha medieval, entre os mouriscos, denominação dada aos muçulmanos convertidos ao cristianismo. Alguns estudiosos dão como origem do vocábulo “fada” o cruzamento entre o termo árabe *hadiya* – já que as variantes *alhadiya* ou *alfadiya* aparecem em termos da época – com o significado de presente, dádiva – e o termo latino *fatum, i*, cujo significado é predição, vaticínio, profecia. Na celebração mourisca, os assistentes, do mesmo modo que na celebração judaica, se uniam para expressar seus bons auspícios e bons desejos à criança recém-nascida.

Ainda há muito o que estudar sobre o sincretismo linguístico, cultural e religioso da Espanha medieval. Os romances, as cantigas e as coplas sefardis, em geral transmitidas oralmente, ajudam nesse processo tão rico e instigante. ■

Cecilia Fonseca da Silva, licenciada em Letras Neolatinas e especialista em Filologia Hispano-americana, é autora de livros didáticos de Espanhol (Editora Imperial Novo Milênio) e membro do Grupo Angeles i Malahines de Cultura Sefardi.

Vaisse blumen

Dina Lida Kinoshita / Especial para ASA

Passaram-se muitas décadas sem que eu ouvisse cantar *Vaisse blumen* (Flores brancas). E eis que no belo ato em memória de Horácio Itkis Schechter, grande ativista do ICUF no Brasil, movimento progressista laico judaico, o **Coral da ASA** canta a música.

Segundo a tradição milenar judaica, ocorre, no trigésimo dia após a morte, uma cerimônia religiosa denominada *Shloishim*, na qual se recitam o *Kadish* e o *El mole rahamim*. Recitam-se estas duas orações, também, no *lortsait*, isto é, nos aniversários de falecimento da pessoa.

Mas esta tradição sofre rupturas no final do século 19, na *Pale*, Zona de Residência permitida aos judeus que viviam no Império Russo e que abrangia os atuais territórios da Lituânia, Letônia, Bielorrússia, Ucrânia, Moldávia e parte da Polônia. A grande maioria da população judaica mundial residia naquela época neste território. Embora as práticas religiosas ortodoxas hassídicas ainda fossem o padrão naqueles cantos remotos da *Pale*, separados do vasto mundo devido a meios de comunicação e transporte precários, gradualmente iam sendo introduzidos os ecos da *Haskalá*.

Por outra parte, na última década do século 19, houve um grande desenvolvimento capitalista na Rússia e, de acordo com Lênin, em consequência, dobrou o número de operários fabris. Aliado a esse fato, há uma grande ascensão das lutas sociais e, no limiar do século 20, os cárceres encontravam-se repletos de milhares de revolucionários, ansiosos por liquidar o despotismo reinante. Uma parcela dos judeus, como população essencialmente urbana, estava envolvida nesse movimento.

Como filhos legítimos do Iluminismo e da Revolução Francesa, surgem no meio judaico nessa época, o movimento sionista fundado por Theodor Hertzl e o movimento bundista. O primeiro é uma manifestação tardia da aspiração pela cidadania em sua versão liberal, na tradição

girondina, em que prevalecem os direitos de primeira geração, ou os direitos civis, a questão democrática e a questão do Estado-Nação. O segundo, na tradição jacobina, em sua versão marxista, privilegia os direitos de segunda geração, isto é, os direitos sociais, conquistados e definidos por meio das lutas dos trabalhadores desde o século 19.

O BUND, partido operário socialista judaico da Rússia, Lituânia e Polônia, acabou sendo o grande representante das massas proletárias daquela região. Este movimento tinha um profundo viés culturalista e foi responsável pelo grande desenvolvimento do ídish, ou *mame loshn*, língua cotidiana da gente

Iam pregar contra a religião na porta das sinagogas.

do povo, como idioma literário moderno, em contraposição ao hebraico, ou *loshn koidesh*, língua das Sagradas Escrituras na qual eram versados os eruditos religiosos, advogada pelos sionistas como idioma moderno dos judeus. De acordo com Tuvie Grol, paralelamente à atividade política e sindical, o BUND realizava um trabalho ramificado e multicolorido nas áreas de educação e cultura, tendo criado uma maravilhosa rede de escolas populares judaicas, bibliotecas, associações culturais, clubes esportivos, colônias de férias, jornais, boletins e revistas.

Este movimento foi fundado por rapazes das *ieshivot* (escolas que formavam os eruditos das Sagradas Escrituras). Na medida em que eles abandonaram a religião, na tradição marxista da obra *A religião, ópio do povo*, buscou-se uma nova linguagem, absolutamente laica, para dirigir-se às massas. Todas as tradições de cunho religioso foram banidas. Muitos foram arrebatados de maneira avassaladora

pelo anticlericalismo e iam pregar contra a religião na porta das sinagogas nos dias das grandes festividades.

A única festa que passou a ser comemorada como a festa da liberdade de um modo mais amplo foi o Pessach, que, segundo a tradição, lembra o êxodo do Egito. Não por acaso esta data foi escolhida para o início do Levante do Gueto de Varsóvia, em 19 de abril de 1943, e hoje adquire um caráter mais universal.

No que concerne à vida e à morte, os rituais tradicionais também foram abandonados. E na cerimônia do *Shloishim*, ao invés do *Kadish* e do *El mole rahamim*, passou-se a entoar a canção *Vaisse blumen*.

Infelizmente, o papel não aceita a melodia lindíssima, muito apreciada por Horácio Itkis Schechter. Mas vou concluir este texto com uma tradução da letra onde transparece o caráter social. O tema recorrente das canções de cunho social da época é a miséria e o sofrimento.

Nunca soube quem são os autores da canção, atualmente quase fadada ao esquecimento como tudo que diz respeito à cultura ídish e às opções socialistas não sionistas. Pedi ao amigo Sylvio Band que pesquisasse a autoria da canção, mas não encontramos nada a respeito. Ei-la: uma letra muito simples, fácil de ser assimilada pela gente simples do povo, com uma melodia belíssima.

“Flores brancas brotam, em homenagem ao teu *Shloishim* – ou ao teu *lortsait* – da tua morte”

“Flores brancas brotam, para o *Shloishim* de tua morte”

“Flores brancas brotam, após tanta miséria e sofrimento, miséria e sofrimento”.

“Após tanta miséria e sofrimento, após tanta miséria e sofrimento,”

“Descansa no túmulo, descansa no túmulo silenciosamente.” ■

Dina Lida Kinoshita é professora da USP.

Malba Tahan

Henrique Veltman / Especial para ASA

Foi em 1962 que eu comecei a escrever o programa “A Escolinha do Caçula”, na *Rádio Globo*. Era um programa diário, de uma hora de duração, e a direção da rádio me transformou em parceiro de Malba Tahan na produção da “Escolinha”. Foi uma experiência formidável, o programa logo alcançou a liderança do horário (começava às 17h30) e me deu muitas alegrias. A parceria com Malba Tahan era simples, o professor me passou uma coleção completa de seus livros, autorizou a adaptação de todas as lendas, fábulas e histórias orientais, com liberdade total. “Só em caso de dúvida você deve me consultar” – e eu deixei Mello e Souza em paz, jamais o incomodei com questiúnculas...

Em compensação, tive que aguentar o “conselho” da Cia. Antarctica Paulista, patrocinadora do programa. Eram reuniões, no início semanais, depois quinzenais, finalmente mensais. Havia algumas educadoras nesse conselho, sempre de olho nos possíveis *desvios éticos, morais, religiosos* da “Escolinha”. Por exemplo, quando entramos na adaptação dos clássicos infantis, elas queriam eliminar qualquer sugestão de maldade. Mostrei a elas que em João & Maria, Branca de Neve, Cinderela, as maldades davam o tom a essas histórias. Fui adiante, dei exemplos bíblicos, elas acabaram desistindo de influir no nosso programa. Os dirigentes da Antarctica, discretamente, me apoiaram.

O Caçula era interpretado pelo Isaac Schneider, o Moisés Ajchemblat fazia o Pinguim. Mas sucesso mesmo era o Cacareco, interpretado pelo Dylo Gonzaga. O Cacareco, com certeza muitos de vocês sabem, era o rinoceronte que, naquele período, elegeram-se vereador no Rio de Janeiro com a maior votação. No programa, Cacareco



Reprodução

Cacareco se elegeu vereador no Rio de Janeiro

era um herói e um sabe-tudo, respondia a todas as perguntas dos seus ouvintes. Cacareco, nas eleições de outubro de 1958, teve mais de 100 mil votos em São Paulo e outro tanto no Rio de Janeiro. Nas eleições paulistanas, o partido mais votado não chegou a 95 mil votos.

Stanislaw Ponte Preta, na sua coluna da *Última Hora*, tirou um sarro: “Diversos membros da cúpula do PSP andaram rondando a jaula de Cacareco, para o colocarem no lugar de Adhemar de Barros.”

Júlio César de Mello e Souza ou, na falsa biografia que ele criou, Ali Izzid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan, através de seus livros, foi um dos maiores divulgadores da matemática. Seu livro mais conhecido, *O homem que calculava*, é uma coleção de problemas e curiosidades matemáticas apresentada sob a forma de narrativa das aventuras de um calculista persa à maneira dos contos de *As mil e uma noites*.

Meu ídolo, Monteiro Lobato, classificou o livro como “obra que ficará a salvo das vassouradas do Tempo como a melhor expressão do binômio ‘ciência-imaginação’”. Lá atrás, Malba Tahan dizia que “o professor de Matemática em geral é um sádico. Ele sente prazer em complicar tudo”. Ao me colocar como parceiro de Malba Tahan, o doutor Roberto, dono

da *Rádio Globo*, resgatava os compromissos que Irineu Marinho, seu pai, assumira com Mello e Souza, nos tempos do jornal *A Noite*, que foi onde tudo começou. A fama do matemático foi de tal ordem que Getúlio Vargas, ainda no seu período ditatorial, concedeu uma permissão para que o nome Malba Tahan aparecesse estampado na carteira de identidade de Mello e Souza.

Em toda a sua obra, superior a 130 livros, um deles é dedicado às parábolas e contos judaicos, *Lendas do Povo de Deus*.

Não sei como anda a edição dos livros de Malba Tahan pela Record, mas vale a pena procurá-los, ainda que nos sebos. Ele está mais atual do que nunca. É o melhor presente para a garotada, mesmo nestes tempos de livro digital. ■

Henrique Veltman (hbv@uol.com.br), carioca, 74 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

**ber
vel**
Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Quem é sionista?

Aliza Belman-Inbal, *The Jerusalem Report*

No Dia da Independência este ano, fiquei diante da caixa registradora, observando uma fileira de bandeirinhas de plástico e tentando decidir se me identificava o bastante com o que a bandeira representa para pendurá-la na minha sacada.

Fiz *aliá* há vinte anos, fui voluntária no Exército, trabalhei no gabinete do primeiro-ministro escrevendo discursos para Itzhak Rabin e servi dez anos no Ministério das Relações Exteriores defendendo internacionalmente as políticas de Israel. Hoje, como pesquisadora na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Tel Aviv, continuo amando a pátria que escolhi, preocupo-me com a sua prosperidade e acredito no seu potencial.

O que tornou este ano diferente não foi o que sinto pelo meu país, mas o que meu país sente por mim. Nos últimos dois anos, o vice-primeiro-ministro Moshé Yaalon fez discursos inflamados alegando que acadêmicos como eu representam uma ameaça à existência do Estado de Israel. A repórter Yonit Levi foi virulentamente atacada por expressar solidariedade aos civis palestinos durante a campanha em Gaza no ano passado – solidariedade da qual compartilho. Alguns meses atrás, a ex-deputada Naomi Chazan foi caricaturada em cartazes por todo o país como um diabo chifrudo, por liderar o New Israel Fund, entidade beneficente para a qual eu contribuo e que financia ONGs israelenses voltadas para os direitos humanos. Mais recentemente, o Im Tirzu, grupo de direita responsável pela campanha contra Chazan, publicou um contundente comunicado denunciando o lugar onde trabalho como bastião do antissionismo por difundir ideais humanitários com os quais comungo amplamente.

Se fosse me guiar pela definição de sionismo que consta no comunicado do Im Tirzu sobre a academia israelense, sinceramente eu não teria ânimo para agitar

uma bandeira israelense. Entre as posições “antissionistas” que ele denuncia estão a oposição aos assentamentos, a insatisfação com o status desigual de israelenses árabes em nossa sociedade e a crítica aos militares por não fazerem o suficiente em defesa de civis palestinos. O comunicado, em seus trechos mais absurdos, chega ao ponto de censurar os conferencistas que criticam a personalidade do pai fundador David Ben Gurion e dão aulas sobre os aclamados filósofos políticos John Rawls e Jürgen Habermas.

Eu adoraria pensar que estas críticas à esquerda “antissionista” são opiniões

A esquerda internacional é tão culpada quanto a direita em Israel.

extremas não compartilhadas pelo público em geral. Mas a nossa sociedade está permitindo que a direita redefina o sionismo para todos nós, de modo que qualquer um que não apoie o que ela vislumbra para Israel é, na melhor das hipóteses, desleal, e na pior, uma ameaça existencial à iniciativa sionista.

Menos de trinta anos atrás, 400 mil israelenses, em meio a uma guerra, fizeram uma manifestação para exigir uma comissão de inquérito sobre o massacre cometido pelos falangistas nos campos de Sabra e Shatila, sem que o patriotismo deles fosse questionado. Hoje, um repórter não pode mais comentar as aflições impostas aos civis durante uma operação militar sem que milhares de israelenses exijam a sua imediata demissão.

Lembro-me das lágrimas do primeiro-ministro Rabin, em 1994, durante a conferência de imprensa em que ele reagiu ao assassinato de 29 muçulmanos por um colono judeu junto ao Túmulo dos Patriarcas. Hoje, qualquer lágrima que

um cidadão israelense derrame pela perda de uma vida palestina é entendida por muitos como prova de uma pena maior pela dor deles do que pela nossa. Houve época em que o discurso público sobre questões de segurança era visto como parte importante da vibrante democracia em Israel. Hoje, nos satisfazemos com nosso decidido apoio aos militares e com o amplo consenso em relação a nossa política em Gaza.

Penso que a esquerda internacional é tão culpada por essa guinada na opinião pública israelense quanto a direita no país. Qualquer uso da força é recebido com condenação imediata e quase irrestrita por todo o globo, tornando difícil para as ONGs israelenses exigir que se evite a perda de vidas civis sem ser associado com os desprezíveis detratores de Israel. Quando a Comissão Goldstone do Conselho de Direitos Humanos da ONU utiliza evidências coletadas por ONGs israelenses para acusar o governo de Israel de alvejar civis de propósito em vez de simplesmente acusá-lo de tomar medidas insuficientes para protegê-los, enfraquece a capacidade da sociedade civil de fiscalizar e censurar o governo sem ser acusada de respaldar os inimigos de Israel.

Assim como a direita, apoio o direito de Israel de existir dentro de fronteiras seguras como um Estado judeu e democrático. Só o que me diferencia é a minha convicção sobre a melhor forma de atingir esse objetivo. Embora não saibamos qual caminho nos trará paz e segurança, de uma coisa podemos estar certos: ao deslegitimar o debate público a respeito da política de segurança, estamos solapando as próprias salvaguardas que impedem o nosso governo e os nossos militares de fazer coisas que não são do nosso interesse.

E então, afinal, acabei comprando uma longa fileira de bandeirinhas e as pendurei bem alto. ■

Saudades

Esther Kuperman / Especial para ASA

Desembarcar neste pedaço de mundo é sempre emocionante. Mesmo não sendo a terra do leite e do mel, saber que ela existe é um alento. Às vezes, este sentimento me lembra uma frase de um amigo comunista que dizia, nos anos 1980, sobre a antiga União Soviética: com todos os erros e problemas, está lá, para nos lembrar que é possível. Pois é. Trata-se de uma situação parecida. Com o tempo, Israel ficou longe daquele país original, pelo qual suspirávamos e cantávamos – e isto fica claro a cada nova visita –, mas resta uma esperança de que tudo volte ao “normal”.

Fui recebida pelo meu sobrinho, que agora mora em Kiriat Ono, lugarzinho simpático, bem perto de Tel Aviv. Edifícios feitos durante os anos 1950, jardins cuidados, parques para crianças e até para cachorros, boas estradas, boa infraestrutura... Tudo de que precisamos para viver com conforto, sem luxos desnecessários, sem estar amontoados nos grandes núcleos urbanos. Meu sobrinho e sua esposa fazem parte de uma geração que poderia ser chamada de “novos *halutsim*”. Fizeram *aliá* movidos pelo sentimento nacionalista, mas também pela oferta de trabalho na área de tecnologia e de uma qualidade de vida impossível para as classes médias brasileiras, especialmente nos grandes centros urbanos.

Era quase Shabat quando cheguei, e o país estava parado, uma particularidade desta terra, onde a religião se mistura



Fotos Esther Kuperman

A rua Shalom Aleichem fica no centro histórico de Tel Aviv

com as leis. O Shabat aqui, na parte “laica” do país, é o dia em que os cidadãos programam encontros, visitas, churrascos, atividades para as quais não seja preciso mobilizar grandes esforços por parte do poder público. Mas há gente nas ruas, carros nas estradas e alegria nos rostos das crianças. No Shabat de Jerusalém tudo é diferente, e o silêncio é grande. Às vezes, parece que a “Cidade de Ouro” pertence a outro país, tanto pela arquitetura quanto pelo traçado da cidade, mas também pela maneira de vestir e os hábitos da maioria da população. Mas aqui, em Tel Aviv, o Shabat é puro movimento.

A arquitetura das cidades israelenses é uma boa expressão da História recente deste país. Tel Aviv, especialmente, é um

livro, no qual as ruas são as páginas onde se pode ler como cresceram os núcleos urbanos e o que se passou nas últimas décadas. O centro mais antigo da cidade é todo composto de prédios relativamente baixos. Há bairros, como Neve Tzedek, onde as casas pequenas, em estilo mediterrâneo, servem de ateliês para artistas ou brechós e pequenas lojas onde se vendem moda e objetos de decoração, e também pequenos bares e sorveterias. Soube que, apesar das ruas estreitas e da falta de infraestrutura, é um bairro extremamente valorizado, porque passou a ser habitado por artistas. Nisso não há muita diferença entre Tel Aviv e as cidades de todo o mundo, pois basta um bairro ficar conhecido como “bairro boêmio” ou “bairro de artistas” para virar moda. Só espero que não derrubem as casinhas brancas e baixinhas, com janelas pequenas, boas de se debruçar e olhar quem passa, para construir arranha-céus neoclássicos horrendos!

No centro da cidade, as construções são de tamanho médio. As ruas são mais largas e têm espaço para dois carros. O calçamento é antigo e está um pouco deteriorado. Alguns bairros, como o que fica perto da antiga rodoviária, são compostos por cortiços ou casas precárias, onde vivem imigrantes orientais



Neve Tzedek se valorizou após virar bairro boêmio

ou russos. É a tal da globalização que também chegou aqui, trazendo levas de trabalhadores chineses, tailandeses e de toda a Europa Oriental, em busca de trabalho. Mão de obra de baixo custo, eles moram nos lugares mais baratos, que estão deteriorados e não são assistidos pelo Estado. Tudo igualzinho aos outros lugares de todo o mundo, vasto mundo...

Há ainda um centro histórico, embora não seja considerado assim: nele se encontram os antigos prédios de, no máximo, quatro andares, em arquitetura Bauhaus, representativos da década de 1940, período ou projeto de país que ficou no passado. Mas ainda estão lá, para mostrar que houve um momento em que as diferenças entre as pessoas e os padrões de vida não eram tão grandes, apesar da diversidade cultural. É nessa região que as ruas têm nomes de artistas ou pensadores da cultura judaica da Europa. Dá para imaginar um encontro entre Ahad Haam e Theodor Hertzl? Pois eles se cruzam em uma esquina de Tel Aviv e devem estar muito preocupados com os rumos que suas ideias tomaram... Scholem Aleichem, I.L. Peretz, também estão lá, nas placas das ruas. Como se aquele canto da cidade fosse ainda um lugar para lembrar que existe uma outra alma judaica.

Mais para fora do centro, Tel Aviv é outra cidade. Moderna, com ruas

muito largas e bem cuidadas, viadutos imponentes, praças e vãos espaçosos. O que mais chama a atenção são as grandes torres que abrigam escritórios de empresas estrangeiras ou apartamentos cujos preços beiram a casa dos milhões... de dólares. Neles moram homens de negócios e membros do atual governo, como Ehud Barak, cujo apartamento ocupa dois andares de uma das torres mais caras da cidade.

Ao lado, bem perto, existe uma pequena cidade. Tão pequena e tão próxima que já foi incorporada a Tel Aviv. É lafo, que parece não pertencer àquela parte do país. Tem-se a impressão de que lá o tempo parou. As ruas são estreitas, as casas têm aquele estilo mediterrâneo, típico das construções e dos povoados árabes. Lá vivem artistas, escritores, cineastas, gente que pertence ou é simpatizante dos partidos de esquerda. Os preços das casas e os aluguéis são baratos, a população é bem equilibrada entre árabes e judeus, e a convivência é das melhores. Há até um restaurante, cujos sócios (um árabe e um judeu) servem um ótimo peixe. Já foi pelos ares, pelo menos uma vez, mas recebe a todos com bons sorrisos e saladas, daquelas típicas da terra. Há, também, um mercado de pechinchas e antiguidades – o Shuk ha Pishpishim –, que não fica nada a dever aos melhores mercados das pulgas europeus. É preciso guardar um dia inteiro



Em lafo, a convivência entre árabes e judeus é das melhores

para conhecer esta parte da cidade e seu clima, onde tudo é possível.

Até a paz. ■

Esther Kuperman, historiadora, doutora em Ciências Sociais, membro da representação do Meretz Brasil e coordenadora dos Amigos Brasileiros do Paz Agora no RJ, é diretora da ASA e colaboradora deste Boletim.

Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852
E-mail: acselrad@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

NOTAS

Canja com humor

Uma performance divertida, tendo como tema a milenar canja judaica, o Yuch ou Yoich. Assim foi o programa Cabaré Only Yuch, no dia 19 de setembro, no auditório da ASA. O ator Sérgio Stern (encarnando o personagem Motl Shnorr), o oboísta Leo Fuks e o violonista Eduardo Camenietzki conduziram o show e, detalhe importante, prepararam o Yuch, que foi servido ao público depois do espetáculo. Serviço completo.



O presidente, Mauro Band, foi o primeiro a saborear a canja



Sérgio Stern, Eduardo Camenietzki e Leo Fuks

Noel

Lembramos o centenário de nascimento de Noel Rosa, o Poeta da Vila, no dia 26 de setembro. No palco, o Coral da ASA, o violonista Luiz Felipe Oiticica, o percussionista Guilherme Lessa e a cantora Sheila Maria Paiva mostraram um pedaço da vida e da obra de um dos mais sofisticados cronistas do Rio. Carlos Acselrad, no bandolim, teve uma participação muito especial, solando e cantando.



Sheila M. Paiva, Luiz Felipe Oiticica, Guilherme Lessa e Carlos Acselrad



O Coral da Asa cantou Noel



Ciclo de cinema documental

SEMPRE ÀS 18 HORAS, NA SALA DE VÍDEO

DIA 21 DE NOVEMBRO

Utopia e Barbárie, de Silvio Tendler

Resultado de 20 anos de trabalho, o filme parte da 2ª Guerra Mundial e, através de entrevistas feitas em 15 países, faz uma revisão dos grandes eventos políticos e econômicos da segunda metade do século 20. Silvio Tendler estará presente e debaterá com o público após a exibição. **Ingressos a R\$ 5.**

DIA 28 DE NOVEMBRO

70 anos da 2ª Guerra Mundial (1ª parte)* –

Produção do "Observatório da Imprensa" Um olhar sobre o papel da mídia naquele que foi o maior e mais sangrento conflito do século 20, resultando em 72 milhões de mortos. Dividido em 4 episódios, editados a partir de cerca de 1.500 horas de gravação, com 45 depoimentos. Os dois primeiros episódios são "A Mídia vai à Guerra" e "Hollywood de Uniforme". **Entrada franca.**

DIA 5 DE DEZEMBRO

70 anos da 2ª Guerra Mundial (2ª parte)* –

Produção do "Observatório da Imprensa" Segunda e última parte, com os episódios "A Tentação Totalitária" e "Refugiados no País do Futuro". **Entrada franca.**

*A série é narrada pelo jornalista Alberto Dines, editor e apresentador do "Observatório da Imprensa".

Coral na SBP

No dia 1º de setembro, a Sociedade Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro homenageou Paulo Roberto Sauberman, recentemente falecido. O Coral da ASA participou da homenagem, emocionando os parentes e amigos de Paulo.

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001